

Bolsonaro é Kitsch? A Estética do Tosco nos Memes pró-Governo

The Right is Kitsch: The Tacky Aesthetic of pro-Government memes

Pedro Artur Baptista Lauria

Resumo

O termo alemão Kitsch normalmente é utilizado para designar uma estética do tosco, vulgar, cafona, barato e/ou brega. São definições subjetivas e geralmente com intenção pejorativa e que facilmente podem ser identificadas nos memes pro-Governo Bolsonaro. Já o Kitsch Político é um conceito normalmente associado a figuras que buscam um certo “ar de distinção”, e discursos desnecessariamente rebuscados e pasteurizados. É o contrário do que se identifica na imagem “popularesca” do presidente e em suas marcadas pela linguagem simples e rude, despidas de qualquer decoro ao cargo que exerce. A partir daí, estabelece-se a questão: como e com quais premissas o Kitsch aparece na comunicação do Governo?

Palavras-chave: Kitsch Político, Memes, Redes Sociais

Abstract

The German term Kitsch is usually used to designate a rough, vulgar, tacky, cheap aesthetic. They are subjective and generally with derogatory intent and can easily be identified in the memes pro-Bolsonaro’s Government. Political Kitsch, on the other hand, is a concept normally associated with figures who seek a certain “air of distinction”, and with unnecessarily elaborate and pasteurized speeches. It is the opposite of what is identified in the president’s image marked by simple and rude language, stripped of any decoration for the position he holds. From there, the question becomes: how and with what premises does Kitsch appear in the Government’s communication?

Keywords: Political Kitsch, Memes, Social Network

1 Introdução

Originado do termo alemão *Verskitchen*, que designa a “fraude de imitar obras de arte”, o conceito de *Kitsch* começou a ser usado no final do século XIX para designar objetos que copiam “o que está na moda”, sem o seu rigor estilístico (MOLES, 1986). Um exemplo consagrado na literatura seria o quadro holográfico da “Última Ceia” de Leonardo da Vinci. Por isso, normalmente é utilizado para designar uma estética do tosco, vulgar, cafona, barato e/ou brega (KJELLMAN-CHAPIN, 2010). São definições subjetivas, derivados de associações por parte do próprio público ou espectador, e geralmente com intenção pejorativa. No entanto, é possível delinear algumas características práticas em sua definição, como o exagero visual

(SÊGA, 2008), avesso ao minimalismo, a imitação de elementos vistos como “nobres”, e a superficialidade discursiva onde o significante e o significado são, em muitos casos, os mesmos. Essa pouca profundidade sîgnica, faz com que obras Kitsch tenham imensa facilidade de assimilação, sendo muito associado ao consumo de massa (GREENBERG, 1939).

O presente trabalho se propõe a fazer uma breve revisão sobre o Kitsch e os seus valores a partir da identificação de algumas de suas características na produção de memes pro-Governo Bolsonaro, na busca por compreender suas intencionalidades retóricas e discursivas. Os memes, partindo de um recorte da definição de Limor Shiffman (2014), são elementos digitais de produção emergente, baseado na cultura do remix e que propagam posicionamentos e formatos. Ou seja, uma linguagem extremamente integrada às redes sociais e que exigem engajamento por parte dos usuários que tem papel ativo na produção, remodelação, interação e compartilhamento destes memes. A anteposição dessas características à definição clássica de Kitsch Político (MIGUEL, 2011) marcado pela fala rebuscada e pasteurizada que tenta construir um grau de dissociação com o interlocutor (como se às pessoas comuns não coubessem o dialeto da política) – traz algumas contradições que esse trabalho busca adereçar.

2 Fundamentação Teórica e Discussão

A gênese do Kitsch está no romantismo, o que ressalta sua ênfase na expressão dos sentimentos e das emoções. Guimaraens e Cavalcanti (1979, p.27) ressaltam que o Kitsch surgiu como “reação a normas rígidas que tiveram origem no funcionalismo. Sêga (2008. p.64) diz que o “Kitsch hasteou bandeiras contrárias à elite dirigente” excluindo o “iluminismo estético”. Assim, ele é marcado também pela sua fácil assimilação, sem exigência de maiores conhecimentos técnicos. Como marca a fala de Bourdieu (1984 in LEVIN, 2019) o Kitsch é marcado por uma ligação direta entre forma e conteúdo: “artes bonitas devem retratar coisas bonitas” como paisagens floridas e crianças brincando.

Importante sublinhar essa esfera subversiva do Kitsch à uma arte produzida por uma “elite cultural” para compreender como este acabar virando uma estratégia de resistência à mesma, surgindo na retórica governista e de seus apoiadores, amplamente marcada por um discurso anti-cultura e anti-intelectualismo. Nesse sentido, os memes encontram “legitimidade” como linguagem de Governo e Pro-Governo, por partirem de sua característica inata de serem partículas de informação de fácil assimilação – marcadas pela reprodução rasa do senso comum e superficialização do debate político (CHAGAS, 2018, p.2). Greenberg (1996, p.12) diz que o

Kitsch “não demanda nada de seus consumidores, com exceção de seu dinheiro. Nem mesmo seu tempo”. Ao trocarmos o dinheiro pelo capital social das redes, onde a moeda seriam curtidas, compartilhamentos, *retweets*, fica bastante evidente como os memes e a retórica Kitsch se entrelaçam – sendo marcantes por não exigirem apreciação ou olhar crítico (uso do tempo) de seus interlocutores, mas apenas para o consumo rápido – o suficiente para reforçar uma visão de mundo, sendo um veículo ideal para ideologia política (KJELLMAN, 2010).

Miguel (2011) faz um abrangente estudo do Kitsch político a partir das noções do romancista Milan Kundera no *best seller* “A Insustentável Leveza do Ser”. Nele, o Kitsch é descrito como “a negação absoluta da merda”, ou seja, “o Kitsch exclui de seu campo de visão tudo o que existência humana possui de essencialmente inaceitável” (KUNDERA, 1984, p.377). Miguel pondera então como o Kitsch Político zelaria pela permanência de valores puros, “em que o bom e o belo reinariam sem mácula” – ressaltando as narrativas patrióticas dos Estados Nacionais como parte dessa construção.

Umberto Eco (1993, p.69) ressalta esse aspecto de criação de “mundos” esteticamente agradáveis ao dizer que o Kitsch ilude seu público, o fazendo pensar que consome a representação original de um mundo, enquanto goza apenas de uma “imitação secundária das força primária das imagens”. O negacionismo de tudo que é traria aspectos negativos ao país, faz com que na comunicação política do Governo, a Floresta Amazônica não pegue fogo, utilizando para isso imagens da Floresta Atlântica¹ e ressalta o poder do país em combater o Covid-19, ignorando o número de mortes e de infectados, e se auto promovendo a partir do número de “recuperados”.²

Essas duas definições trazem reflexões contundentes para compreender o uso da estética do Kitsch surge nas comunicações pro-Governo Bolsonaro. Afinal, não é necessário fazer grandes aprofundamentos para constatar como isto se encaixa com a narrativa militarista, patriótica e de apagamento das lutas (e dos corpos) marginais (indígenas, mulheres, negros, LGBTQIA+*, etc) em prol de uma retórica ufanista e infundada de um país “que agrega a todos”, de “democracia racial” e um verdadeiro “paraíso tropical”. Logo, se é um país sem males – onde suas crises sociais irromperiam por parte dos “inimigos” – o “mal”.

¹ <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/09/4874522-mourao-e-salles-compartilham-video-que-nega-queimadas-na-amazonia-mas-usa-imagem-da-mata-atlantica.html>> Acesso em 10/09/2020

² <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/08/10/por-que-numero-de-recuperados-nao-indica-sucesso-na-luta-contr-o-coronavirus.htm>> Acesso em 10/09/2020

Porém, fica claro a existência da estética Kitsch e de suas intencionalidades na comunicação pro-Governo Bolsonaro, cabe adereçar à contradição que pauta este artigo: a figura do presidente destoa bastante do que é definido como Kitsch Político, marcado por uma pasteurização e “barroquismo” do discurso político (PLOT, 2003; KJELMAN, 2010; MIGUEL, 2011). Se Miguel (2011) ressalta que às estratégias discursivas do Kitsch Político clássico exigem uma certa distinção na apresentação por parte da figura pública, “dando a impressão ao cidadão a sensação de estar acompanhando a alta política” (MIGUEL, 2011) – fica claro como isto não aparece em nenhum momento na construção imagética altamente popularesca de Jair Bolsonaro. Pelo contrário, seu mandato é marcado pela constante quebra do decoro presidencial a partir de um vocabulário ofensivo e retórica belicista, também é marcado por eventos “toscos” como ir em uma reunião ministerial com uma camisa de futebol falsificada³ ou aparecer em uma *live* oficial cortando o cabelo⁴.

A hipótese apresentada por este trabalho, é de que Bolsonaro representa uma mudança do regime discursivo do Kitsch Político atrelado a mudança da lógica midiática. Se Miguel (2011) ressaltava no início da década de 2010 que o discurso político precisava adaptar aos meios de comunicação de massa em “uma negociação tácita entre a mídia, que detinham os instrumentos de produção de visibilidade social, e o político, que conhece (...) os limites para além dos quais sua exposição pública se torna contraproducente” – o atual momento de redes sociais e quebra da hegemonia da grande mídia (BENTES, 2016), parecem trazer uma nova lógica para o Kitsch Político.

Nesse novo momento, Bolsonaro e seus apoiadores, dentro de uma própria reconfiguração da *Alt-Right* (Direita Radical) parece ter se aproveitado do meme como instrumento direto de fala política (CHAGAS, 2018) em que a lógica expositiva se inverte. Se antes o político precisava zelar sua imagem em detrimento de parecer distinto e ser capaz de praticar a “alta política”, o presidente se construiu a partir do diálogo com redes emergentes e renegando a capacidade da política em ser moral. Assim, no novo Kitsch Político praticar a “alta política” se torna sinônimo prática de negá-la, em prol de se combater seus malefícios ou a sua “merda”, como dito por Kundera.

³ <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/02/15/bolsonaro-usa-camisa-pirata-do-palmeiras-em-reuniao-e-bomba-na-web.htm>> Acesso em 11/09/2020

⁴ <<https://www.poder360.com.br/governo/cortando-o-cabelo-bolsonaro-diz-que-pai-de-presidente-da-oab-integrava-grupo-sanguinario/>> Acesso em 11/09/2020

3 Considerações

O presente trabalho ainda é bastante inicial em suas explorações sobre uma possível reconfiguração do Kitsch Político. O uso de memes na comunicação pro-Governo parece se configurar dentro da lógica de fácil assimilação e digestão de visões de mundos superficiais, sem abertura para confrontação e sem acesso de outros corpos não-hegemônicos. Essa linguagem opera na mesma lógica da estética Kitsch, figuras pouco exijam do seu expectador, para além de sua receptividade passiva (KJELLMAN, 2010, p.40). Emmer (1998, p.63) parece trazer pistas para as motivações dessa ressignificação do Kitsch, ao atentá-lo como uma forma de resistência a um mundo marcado pela descontinuidade, instabilidade, complexidade e quebra das tradições. Segundo o autor o Kitsch ofereceria conforto 1) ao substituir a (pós-)modernidade mesmo que temporariamente com uma estabilidade imaginada ou 2) substituir tais instabilidades por novas instabilidades. Parece inegável que ambas definições se encaixem como práticas estéticas e discursivas do atual governo e de seus apoiadores.

Referências

- CHAGAS, V. A febre dos memes de política. **Revista FAMECOS**, v. 25, n. 1, p. ID27025, 2 jan. 2018.
- ECO, Umberto. 1993 [1964]. *Apocalittici e integrati: comunicazioni di massa e teorie della cultura di massa*. Milano: Bompiani
- EMMER, C.E., "Kitsch Against Modernity" **Art Criticism** Vol. 13, No.1 (1998), pp. 53-80
- GREENBERG, Clement. **Arte e cultura**. Tradução de Otacílio Nunes. São Paulo: Ática, 1996, 280 pp.
- GUIMARAENS, D. e CAVALCANTI, L. **Arquitetura e kitsch**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1979.
- KJELLMAN-CHAPIN, Monica. (2010). *The Politics of Kitsch. Rethinking Marxism*, 22(1), 27–41.
- KUNDERA, Milan. 1984 . **A Insustentável Leveza do Ser**.
- LEVIN, Iris. (2019). A Global-Middle-Class House?1 Cultural Capital, Taste, and Kitsch. **Home Cultures**, pp.1–24.2019
- MIGUEL, Luis Felipe. Falar bonito: o Kitsch como estratégia discursiva. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n.6 pp.183-202 2011
- MOLES, Abraham. **O Kitsch: a arte da felicidade**. 3.ed. Tradução Sérgio Miceli. São Paulo, Perspectiva, 1986, 231 pp. il p&b. [Coleção Debates]
- PLOT, Martín. **El Kitsch político**. Buenos Aires: Prometeo. 2003
- SEGA, Christina Maria Pedrazza. O Kitsch está Cult. **Revista Signos do Consumo – V.2**, n.1, p.53-66, 2010